

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O CINEMA CLÁSSICO DE DOROTHY ARZNER

28 e 29 de Dezembro de 2022

THE BRIDE WORE RED / 1937

A NOIVA DE VERMELHO

um filme de DOROTHY ARZNER

Realização: Dorothy Arzner *Argumento:* Tess Slesinger, Bradbury Foole, segundo a peça de Ferenc Molnár *Fotografia:* George Folsey *Montagem:* Adrienne Fazan *Direcção musical:* Franz Waxman *Canção:* Franz Waxman, Gus Kahn *Coreografia (danças):* Val Raset *Direcção artística:* Cedric Gibbons *Guarda-roupa (vestidos):* Adrian *Interpretação:* Joan Crawford (Anni), Franchot Tone (Giulio), Robert Young (Rudi Pal), Billie Burke (Contessa di Meina), Reginald Owen (Almirante Monti), Lynne Carver (Maddelena Monti), George Zucco (Conde Armalia), Mary Phillips (Maria), Paul Porcasi (Nobili), Dickie Moore (Pietro), Frank Puglia (Alberto), etc.

Produção: MGM (EUA, 1937) *Produtor:* Joseph L. Mankiewicz *Cópia:* 35 mm, preto-e-branco, versão original (em inglês) legendada electronicamente em português, 103 minutos *Estreia mundial:* 22 de Setembro de 1937 *Estreia Comercial em Portugal:* 30 de Maio de 1938, no cinema Tivoli (Lisboa) *Primeira apresentação na Cinemateca:* 6 de Setembro de 2008 (“História Permanente do Cinema”).

Foi o princípio do fim da carreira de Dorothy Arzner em Hollywood, factos são factos. Ante-ante-penúltima longa-metragem, *The Bride Wore Red* não lhe correu bem nem correu bem a Joan Crawford, mas seria a realizadora a ficar com a “carreira” comprometida. Estilhou-se a cadência, história interrompida seis anos e dois filmes depois, os dois realizados no início dos anos 1940, terceira década de cinema de Arzner. Isso não diz muito das qualidades intrínsecas de *Dance, Girl, Dance*, história dos bastidores do showbiz nova-iorquino com duas bravas dançarinas rivais, e *First Comes Courage*, um filme de Guerra com uma brava espia da Resistência em terras norueguesas. Também pouco diz desta adaptação ao cinema da peça de Ferenc Molnár, ainda que *The Bride Wore Red* não seja o melhor trabalho de Arzner. É, como costuma dizer-se, um filme falhado. Com muito bons achados, também há que dizer. Os melhores e os piores (contando-se como menos conseguidos *Nana* e *The Bride Wore Red* e, entre os melhores, *Working Girls*, de 1931, que foi o “fracasso” mais retumbante da sua filmografia), todos os filmes de Arzner têm os seus momentos esplêndidos.

Começa muito bem, e muito em modo Arzner com a premissa dos papéis socialmente atribuídos desafiada por um jogo de lugares trocados (apropriadamente, a acção arranca num casino e por pura diletância). A batuta do baile de equívocos põe a jovem Anni (a jovem Joan, então casada com Franchot Tone, com quem contracenou numa série de filmes) a circular entre meios sociais na ressaca da noite em que um velho Conde inundado em champanhe defende a tese de que “todos os homens nascem iguais”. “E nascem.” “E não nascem”, riposta Rudi Pal, o jovem rico parceiro de noitada no casino de Trieste onde os dois homens discutem a visibilidade da classe social e da educação nas pessoas e onde Armalia o faz trocar momentaneamente de posição com o criado que serve a bebida, sinalizando os termos do enredo que se segue. Dali segue o Conde trajado a rigor, muito trôpego, para a Trieste antiga, em busca do bar mais reles possível, “the lowest of the low”. “Nada aqui é decente”, afiança-lhe o velho empregado da taberna, falando-lhe em seguida das “raparigas reles e decrépitas” do estabelecimento. É então que Joan Crawford surge esplendorosa em grande plano, antes de sabermos que se chama Anni e que lhe sobeja personalidade: “Who wants love? / Love is a joy we borrow / Pay back in tears tomorrow / So who wants love?” Percebemo logo, assim que Anni, não cantando como Billie Holiday, vem sentar-se na mesa do Conde Armalia, firmando o pacto que a leva a passar duas semanas de férias pagas, sozinha num hotel de

luxo, no papel de uma aristocrata entre aristocratas. Tudo porque Armalia quer provar o seu ponto a Rudi e, passando-lhe tal ideia pelo espírito, entrega uma maquia a Anni, que baptiza Vivaldi como uma cerveja à venda no estabelecimento, oferecendo-lhe uma identidade provisória.

Provando as delícias das belas roupas, de belos aposentos, de boa comida e bebida, da oportunidade de ascensão social pela via de um casamento oportuno (coisa em que os filmes de Arzner reparam com pragmatismo, do ponto de vista da realidade feminina e social do seu tempo), Anni percebe que é mais momento de acção que de emoção e, com facilidade, seduz Rudi (interpretado por Robert Young) que aí está com a família e a noiva, Maddelena, a personagem que, entre os ricos, não padece de soberba nem de hipocrisia. O primeiro encontro de Anni (Vivaldi), na estação de comboios, é à chegada, com Giulio (Tone), o carteiro generoso, que sem perceber a percebe como uma “igual” encantando-se logo com ela. *The Bride Wore Red* passa-se então entre a viagem de carroça até ao hotel à chegada e a reversa viagem final, que põe fim à história e todos nos seus “devidos lugares” (uma moral pouco progressista mas muito hollywoodiana): Anni desejará, afinal, estar entre pares, os pares personificados por Giulio, o homem que tem muitos primos, boa-disposição e uma (alegre) casinha nos Alpes; Maria, a criada de quarto sua amiga de antes e de sempre (por cuja presença, cenas e conversas a duas, é sugerida a prostituição passada); Pietro, o criado de mesa que auxilia discretamente Anni a dominar os talheres, o menu e muito do resto (seria mais interessante que Pietro, como parece, a percebesse sua igual do que justificasse, no fim, a empatia solidária pela familiariedade com Giulio).

A narrativa procede por acumulação de coincidências, revezes e reviravoltas, nos exteriores alpinos filmados, entre Junho e Agosto de 1937, na Áustria (as montanhas), na Califórnia (o lago) e nos estúdios da MGM (os interiores). A experiência de Arzner na MGM saldou-se num desacordo que a deixou insatisfeita, talvez pelo excesso de sentido dos “valores de produção”, em que ofuscam guarda-roupa e afins. À semelhança do que fixaram os relatos a propósito de Rosalind Russell no anterior *Craig’s Wife*, também da relação entre Arzner e Crawford se conta não ter sido magnífica, embora tenha surgido da vontade da actriz em ser dirigida pela realizadora de *Craig’s Wife* (que admirava tanto que viria a protagonizar a mais débil versão de 1950, *Harriet Craig*) e o encontro tenha sustentado uma ligação de longo curso entre as duas (no pós-Hollywood da vida de Arzner). É, aliás, interessante verificar como a noção do desequilíbrio que, de facto, aflige *The Bride Wore Red*, se encontra na imagem achada para o genérico inicial (e seria proveitoso analisar as soluções de abertura do conjunto dos filmes de Arzner pelo que neles está subsumido): a desproporção da silhueta Crawford da “mulher” pousada (posando?) na peça circular por comparação com esse objecto circular que faz rodar uma imagem panorâmica da paisagem de montanhas e vales. Acaba por ser um bom comentário ao filme acabado.

Seja como for, a personagem de Crawford inscreve-se na linha das *working class heroines* de *Working Girls* e *Nana*, e a abordagem de Arzner, embora afrouxada, reconhece os motivos e inquietações do seu cinema, esgrimindo condições e aparências, e tirando mesmo partido, nesse sentido, das possibilidades significativas do guarda-roupa. Sem o grau extraordinário do envólucro de cerimónia prateado de Katharine Hepburn em *Christopher Strong*, o vestido vermelho de Crawford, a quem de início a personagem de Maria adverte que funcionará como letreiro desvendando-lhe a proveniência caso desça assim vestida ao salão, é no dramático desfecho no hotel a imagem da sua verticalidade não enxovalhada, uma afirmação de dignidade essencial. Por outro lado, Anni ganha vitalidade quando se deixa tocar pelo lugar, a natureza despida do lugar onde se encontra, que a espreita à janela (há sempre janelas expressivas nos filmes de Arzner). Nunca tanto, nunca tão completa, como na cena em que experimenta a água do lago, molhando a cara e lavando a alma. “It’s a magic brook. Washes away your sadness and drops happiness all over you.”